

ENTRE O EGO E A EMPATIA

**DESAFIOS PARA (RE)CONSTRUIR RELAÇÕES
FAMILIARES ÉTICAS E AUTÊNTICAS
NA ERA DA INFORMAÇÃO**



Iraê César Brandão

2025

doi 10.29327/7614786

Entre o Ego e a Empatia: desafios para (re)construir relações familiares éticas e autênticas na era da informação

Between Ego and Empathy: challenges to (re)building ethical and authentic family relationships in the information age

Iraê César Brandão¹

administrativo@iraecbrandao.com.br

 <https://orcid.org/0000-0002-2079-0615>

Abstract: *This essay analyzes how overcoming ego and cultivating empathy contribute to strengthening family and social bonds in a context marked by cultural, spiritual, and technological changes. The research considers the historical evolution of family structures, as well as the influences of network society and spirituality on the ethical formation of individuals. The methodology is qualitative and based on an interdisciplinary literature review, with classical, contemporary, and spiritualist authors. The text proposes a critical and integrated reading of the psychological, educational, and moral dimensions that permeate family life. Challenges and paths for (re)building more authentic relationships are identified, with an emphasis on dialogue, love, and spiritual awareness. It concludes that, despite the transformations, happiness and inner harmony remain linked to the ability to transcend selfishness, reaffirming the essential role of the family as the nucleus of affective, ethical, and human learning.*

Keywords: *Selfishness; Spirituality; Family ties; Network society; Personal development.*

Resumo: Este ensaio analisa como a superação do ego e o cultivo da empatia contribuem para o fortalecimento dos vínculos familiares e sociais em um contexto marcado por mudanças culturais, espirituais e tecnológicas. A investigação considera a evolução histórica das estruturas familiares, bem como as influências da sociedade em rede e da espiritualidade na formação ética dos indivíduos. A metodologia é qualitativa e baseada em revisão bibliográfica interdisciplinar, com autores clássicos, contemporâneos e espiritualistas. O texto propõe uma leitura crítica e integrada das dimensões psicológicas, educacionais e morais que atravessam a vida familiar. Se identificam os desafios e os caminhos para a (re)construção de relações mais autênticas, com destaque para o diálogo, o amor e a consciência espiritual. Se conclui que, apesar das transformações, a felicidade e a harmonia interior continuam ligadas à capacidade de transcender o egoísmo, reafirmando o papel essencial da família como núcleo de aprendizado afetivo, ético e humano.

Palavras-chave: Egoísmo; Espiritualidade; Vínculos familiares; Sociedade em rede; Desenvolvimento pessoal.

¹ Graduado em Gestão de TI pela UNICSUL; MBA Executivo em Segurança Cibernética pela FI; MBA Executivo em Gestão Estratégia de *Marketing*, Planejamento e Inteligência Competitiva pela FI; Filosofia pela FAAL, Sociologia pela FAAL. Especialista em: Linguagens e suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho pela UFPI, Matemática e suas Tecnologias pela UFPI, Uso Educacional da Internet pela UFLA, Docência do Ensino Superior e Neuropsicologia pela Faculeste, Docência em Administração pela Faculeste, Docência para Educação Profissional e Tecnológica pela Faculeste. Empresário no ramo de Tecnologia e Segurança da Informação (2001-2025); Docente na rede Estadual de Ensino em Curso Técnico Profissionalizante e regular.

1 INTRODUÇÃO

Diante das aceleradas transformações sociais e tecnológicas da atualidade, as estruturas familiares têm enfrentado desafios profundos para preservar vínculos afetivos consistentes e valores éticos duradouros. A intensificação da individualização, o predomínio de comportamentos egocêntricos e o enfraquecimento das relações interpessoais vêm contribuindo para um crescente distanciamento emocional entre pais, filhos e demais membros da comunidade. Este ensaio propõe uma reflexão sobre como o narcisismo e o egoísmo, enquanto obstáculo e fenômeno multifacetado influenciado por uma interação de vários fatores, pode comprometer a convivência familiar, dificultar a formação ética dos indivíduos e afetar diretamente os processos educativos e afetivos no seio familiar.

Diante desse cenário desafiador, este ensaio levanta questões centrais que orientam toda a reflexão proposta: de que maneira o ego e o egoísmo afetam, enfraquecem ou distorcem as relações familiares, os processos educacionais e a vivência espiritual? E, sobretudo, como é possível reconstruir esses vínculos por meio da empatia, da ética e do reconhecimento do outro, em um mundo cada vez mais conectado, mas emocionalmente fragmentado pela lógica das redes sociais e da hiperindividualização²?

A escolha deste tema se justifica pela urgência de (re)pensar os laços familiares e os processos das dinâmicas de construção dos processos de humanização em tempos de hiperconexão digital³, instabilidade emocional e esvaziamento de valores coletivos. A família, que historicamente desempenha papel central na formação do sujeito, precisa ser compreendida em sua complexidade atual, não apenas como espaço de convivência, mas como núcleo ativo de resistência ética e afetiva frente aos desafios modernos.

Como limitação, este ensaio não pretende esgotar o debate, tampouco abordar todas as configurações familiares existentes. Sua abordagem é reflexiva e interdisciplinar, partindo de autores da psicologia, espiritualidade, educação e sociologia, com foco na família como espaço de formação ética e afetiva. A proposta é oferecer uma leitura crítica e humanizada, sem pretensão normativa ou generalizante, mas sim provocadora e aberta ao diálogo.

² Hiperindividualização - é um termo usado para descrever um estado social ou psicológico no qual o indivíduo se coloca no centro das decisões, valores e relações, priorizando excessivamente a autonomia pessoal e a autorreferência, em detrimento dos vínculos coletivos, da empatia ou da solidariedade. É como um "exagero" da individualização moderna, marcado por isolamento afetivo, fragilidade nas relações interpessoais e consumo de identidades (Bauman, 2011).

³ Hiperconexão digital - é um conceito que descreve o estado em que os indivíduos estão constantemente conectados a dispositivos eletrônicos e à internet, especialmente por meio de smartphones, redes sociais, aplicativos de mensagens e plataformas digitais. Essa conexão excessiva ocorre em praticamente todos os momentos do dia, ou seja, no trabalho, nos estudos, nas relações pessoais e até durante o lazer.

2 PRESSUPOSTOS CONCEITUAIS

Este capítulo busca apresentar uma visão histórica e sociológica dos vínculos familiares, analisando como as relações entre pais, filhos e a comunidade foram moldadas ao longo do tempo. Através de uma abordagem interdisciplinar, serão destacadas as transformações ocorridas nos dois últimos séculos, com ênfase nas mudanças culturais, tecnológicas e educacionais.

2.1 A Evolução Histórica dos Vínculos Familiares e as Influências da Sociedade

A criação do Quadro 1 tem o objetivo representativo de demonstrar a predominância dos tipos de família e sobre a estrutura familiar ao longo da história, permitindo a visualização de forma clara e comparativa as transformações sociais, culturais e normativas que moldaram os vínculos familiares em diferentes períodos.

Quadro 1: A Estrutura Familiar na Tradição Histórica

Período	Tipo Predominante de Família	Características Principais	Crenças/Sociedade	Referências Principais
Antiguidade Clássica	Patriarcal extensa	Autoridade centrada no pai; transmissão de herança e tradição	Influência de crenças religiosas e normas comunitárias	Ariès (1981); Durkheim (2014)
Idade Média	Patriarcal cristã	Hierarquia rígida; valores religiosos predominantes	Igreja como centro normativo	Ariès (1981); Durkheim (2014)
Século XIX	Burguesa nuclear ⁴	Papel maternal doméstico e paternal provedor	Moral vitoriana e avanço da industrialização	Ariès (1981); Morin (2018)
Século XX (1ª metade)	Família Nuclear tradicional ⁵	Reforço dos papéis sociais; mulher dona de casa; homem provedor	Início da educação formal para todos	Ariès (1981); Zagury (2006)
Século XX (2ª metade)	Reconfigurada	Entrada da mulher no mercado; aumento de divórcios	Movimentos feministas, sexuais e culturais	Hooks (2017); Ribeiro (2019)

⁴ Burguesia Nuclear - é um modelo de organização familiar consolidado entre os séculos XVIII e XIX, composto por um casal (pai e mãe) e seus filhos. Caracteriza-se pela centralidade afetiva, privatização do lar, hierarquia patriarcal e foco na transmissão de privilégios de classe. Diferencia-se da família extensa por ser menor e mais isolada (Ariès, 1981).

⁵ Família nuclear tradicional - é estruturada por um casal heterossexual (pai e mãe) e seus filhos (biológicos ou adotivos), vivendo na mesma residência. Historicamente predominante no Ocidente, esta unidade básica foca na independência familiar, diferindo da família extensa que inclui parentes como avós e tios (Ariès, 1981).

Período	Tipo Predominante de Família	Características Principais	Crenças/Sociedade	Referências Principais
Século XXI	Diversificada e fluida	Unões homoafetivas ⁶ , monoparentais ⁷ , pluriparentais ⁸ ; redes sociais influenciam vínculos	Sociedade em rede (CASTELLS, 1999); individualismo, pluralismo	Castells (1999); Morin (2018); Hooks (2017)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Este comparativo não apenas organiza informações históricas e culturais de maneira acessível, como também promove uma reflexão crítica sobre as múltiplas formas de viver e compreender a família ao longo do tempo. Ele possibilita identificar padrões recorrentes e rupturas significativas, ampliando o olhar sobre os desafios modernos da convivência familiar. Assim, a visualização sistematizada das gerações pelo Quadro 1, tem por objetivo auxiliar educadores, pesquisadores e famílias na (re)construção de diálogos mais empáticos, contextualizados e transformadores:

Por meio dessa sistematização no Quadro 1, se torna possível compreender a complexidade das relações entre os membros da família, bem como as influências de fatores externos como: a religião, a moral, a industrialização e, mais recentemente, a tecnologia digital, sobre os modelos de convivência e organização. Além de facilitar a análise cronológica, o quadro contribui para uma leitura crítica das continuidades e rupturas nos papéis atribuídos aos sujeitos familiares, destacando como a sociedade impacta diretamente a constituição e a dinâmica das famílias.

2.2 As Gerações e os Laços Familiares

Ao longo do tempo, as características das famílias e seus vínculos passam por transformações que refletem as mudanças sociais, culturais e tecnológicas de cada época. Analisar as gerações nos permite compreender como essas dinâmicas influenciam as relações entre pais e filhos, a estrutura familiar e os valores transmitidos, oferecendo um panorama dos desafios e oportunidades enfrentados por diferentes grupos etários

⁶ Homoafetivas - se relaciona as famílias decorrentes da união de pessoas do mesmo sexo. Durante muito tempo, as relações homoafetivas ficaram excluídas do ordenamento jurídico devido ao preconceito e o estigma existente na sociedade.

⁷ Monoparental - se relaciona a uma família, onde apenas um dos pais, seja a mãe ou o pai, assume a responsabilidade completa pela criação dos filhos. Essa estrutura pode resultar de diversas circunstâncias, como divórcio, separação, viuvez, escolha pessoal ou gravidez não planejada

⁸ Pluriparentais - com relação às famílias das quais resultam da pluralidade das relações parentais, especialmente fomentadas pelo divórcio, pela separação, pelo recasamento, seguidos das famílias não-matrimoniais e pelas desuniões.

A elaboração desta seção se fundamenta em uma abordagem interdisciplinar que articula sociologia, educação, história e cultura. O objetivo é compreender como as transformações tecnológicas, econômicas e culturais de cada época influenciaram diretamente a estrutura e os valores das famílias.

A análise das gerações, dos *Baby Boomers*⁹ à *Geração Alpha*¹⁰, nos permite identificar padrões recorrentes e rupturas nos modelos familiares, especialmente no que diz respeito à autoridade, ao afeto, ao papel das tecnologias e à forma de educar. A escolha por incluir essa classificação geracional está alinhada às obras de autores como:

- Durkheim (2014), que analisa a família como uma instituição de controle moral e social, contribuindo para compreender as gerações mais antigas e sua relação com a autoridade.
- Ariès (1981), que aborda a construção histórica da infância e da família, evidenciando a transformação das relações entre pais e filhos.
- Castells (1999), que apresenta a noção de *sociedade em rede*¹¹, essencial para compreender os vínculos afetivos mediados por tecnologia nas gerações mais recentes.
- Morin (2018), que reflete sobre a complexidade do mundo moderno e os desafios para a formação ética e afetiva dos indivíduos.
- Hooks (2017), que propõe o afeto, o diálogo e a escuta como fundamentos da educação libertadora, essenciais na compreensão das famílias na atualidade.
- Zagury (2022), que discute os dilemas da educação dos filhos em contextos de mudanças culturais e tecnológicas, com foco em limites e afetividade.

A Figura 1 simboliza a fragilidade dos vínculos familiares diante da indiferença e do silêncio emocional. O olhar triste e distante de cada personagem revela a presença de laços invisíveis, os sentimentos reprimidos, as memórias e as responsabilidades, que mantêm a estrutura familiar unida, ainda que desprovida de calor e diálogo.

⁹ *Baby Boomers* - são a geração nascida aproximadamente entre 1946 e 1964, após o fim da Segunda Guerra Mundial, período conhecido como "baby boom" (explosão de nascimentos) nos países ocidentais, como EUA e Canadá. Cresceram em um contexto de otimismo, prosperidade econômica e grandes mudanças sociais, testemunhando eventos como o movimento hippie, a Guerra Fria, a chegada do homem à Lua e a ascensão da televisão, moldando uma geração com forte ética de trabalho, individualismo e influência cultural significativa.

¹⁰ *Geração Alpha* (Gen A) - inclui pessoas nascidas a partir de 2010 até 2025, sendo a primeira geração a crescer totalmente imersa no mundo digital, com contato desde cedo a smartphones, tablets e IA, sucedendo a *Geração Z*. Filhos majoritariamente de *Millennials*, eles misturam o real e o virtual naturalmente, mas enfrentam desafios como o excesso de estímulos sensoriais, o imediatismo e a necessidade de desenvolver paciência e habilidades sociais face a uma vida hiperconectada e com mais tempo de tela, impactando aprendizado e saúde mental.

¹¹ *Sociedade em rede* - é um conceito dentro da sociologia para designar uma sociedade organizada a partir de um sistema comunicacional mediado por tecnologias (Castells, 1999).

Figura 1: Conexões Invisíveis: Laços em Silêncio



Fonte: Elaborado pelo autor.

Assim, o conteúdo apresentado na seção se ancora nessas referências para oferecer um panorama coerente e crítico sobre como cada geração constrói seus laços familiares e os desafios enfrentados ao longo das décadas, conforme representação no Quadro 2.

Quadro 2: Gerações e os Laços Familiares

Geração (Período)	Características principais	Referências principais
Baby Boomer (1946–1964)	- Família nuclear forte - Autoridade parental valorizada - Moral religiosa e tradicional	Durkheim (2014); Ariès (1981).
Geração X (1965–1980)	- Aumento dos divórcios - Famílias monoparentais - Início da mediação tecnológica	Ariès (1981); Zagury (2022).
Geração Y / Millennials (1981–1996)	- Internet e redes sociais - Flexibilização dos papéis - Valorização da afetividade e do diálogo	Castells (1999); Hooks (2017); Morin (2018)
Geração Z (1997–2012)	- Hiperconectividade - Relações virtuais - Desafios com limites e afetividade	Castells (1999); Zagury (2022); Morin (2018).
Geração Alfa (2013–atual)	- Nativos digitais - Convivência precoce com telas - Educação e vínculos mediados por tecnologia	Castells (1999); Morin (2018); Zagury (2022).

Fonte: Elaborado pelo autor.

3 REVISÃO DE LITERATURA

As ideias apresentadas refletem um entendimento interdisciplinar e profundo das dinâmicas psicológicas, espirituais, familiares e educacionais que moldam o ser humano em sua integralidade. Em diversas tradições religiosas e espirituais, o desenvolvimento moral do indivíduo está diretamente associado à sua conduta familiar e comunitária, sendo o mandamento "Honra teu pai e tua mãe" (Êxodo 20:12) um dos fundamentos éticos centrais, comum ao judaísmo, cristianismo e islamismo (Bíblia, 1993). Esse princípio, reiterado em Provérbios 22:6, "Instrui o menino no caminho em que deve andar, e, até quando envelhecer, não se desviará dele [...]", sustenta uma perspectiva em que o amor, a correção e a presença dos pais são indispensáveis à formação moral e espiritual dos filhos (Bíblia, 2024).

No campo psicológico, Freud (1996) aponta que o ego é a instância psíquica responsável por equilibrar os impulsos instintivos (id), os valores internalizados (superego) e a realidade externa. Nesse contexto, as figuras parentais exercem papel significativo na formação do superego infantil, ou seja, no desenvolvimento da consciência moral. Como o próprio Freud afirma: "[...] o superego é o herdeiro do complexo de Édipo e representa a internalização das exigências parentais [...]" (Freud, 1996, p. 45).

Jung (1969/2012) também reforça o papel da família no desenvolvimento da consciência e do *self*¹². Em sua visão, o ego precisa ser superado em direção à individuação, sendo o processo pelo qual o ser humano se torna aquilo que está destinado a ser, a partir do equilíbrio entre o inconsciente pessoal e coletivo. Para *ibidem*, essa jornada não ocorre de forma isolada, mas está intrinsecamente conectada à relação com os outros, especialmente dentro da estrutura familiar e cultural.

A espiritualidade oriental, por sua vez, vê o ego como uma ilusão que mantém o ser humano aprisionado no sofrimento. Textos como o *Bhagavad Gita*¹³ (200 a.C.) nos ensinam que a libertação espiritual vem da entrega do ego à consciência universal, através do serviço

¹² *Self* - de acordo com Jung (1969/2012), o criador da psicologia Analítica, pode ser descrito como a nossa essência ou aquilo que existe de único e peculiar na nossa personalidade. Muitas culturas, religiões e tradições filosóficas o reconhecem também como sendo a alma ou o espírito. Para Freud (2010), é uma espécie de Arquétipo central. Quando nascemos não possuímos ainda um Ego formado, que é o centro da nossa consciência. Porém, nosso *Self* já está ali. O Ego vai, então, sendo construído ao longo do nosso desenvolvimento.

¹³ *Bhagavad gita* - é um episódio registrado no *Mahabharata*, um poema épico sânscrito da Índia antiga. É um texto religioso influente no hinduísmo que se apresenta na forma de um diálogo entre o príncipe Arjuna e Krishna, um avatar da divindade hindu *Vishnu* (divindade que veio à Terra em várias encarnações para restaurar o equilíbrio do mundo entre o bem e o mal e proteger o *dharma*, a ideia de "como as coisas são" ou "o que está estabelecido" (Vyāsa, 2018).

desinteressado, da verdade e da renúncia. Isso se alinha, curiosamente, aos preceitos de humildade, serviço e obediência presentes nas tradições cristãs (Vyāsa, 2018).

Na esfera educacional, Paulo Freire defende que a educação verdadeira ocorre no diálogo amoroso e libertador entre educador e educando. Tal perspectiva se aplica diretamente à dinâmica familiar, onde pais e filhos precisam estabelecer vínculos pautados na escuta, no exemplo e no reconhecimento mútuo. *Ibidem* afirma: “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1996, p. 47).

A educação familiar, nesse sentido, é o primeiro espaço de convivência social e formação do sujeito, sendo também um reflexo das condições culturais e sociais em que a família está inserida. O educador Durkheim (2014) já apontava, no início do século XX, que a família é a primeira instituição de socialização moral, essencial à coesão e à harmonia das sociedades.

No plano social e político, pensadores como Elias (1994) e Bauman (2001) evidenciam como os vínculos sociais vêm sendo fragilizados pela modernidade líquida, pelo individualismo exacerbado e pela perda de referenciais comunitários. A estrutura familiar, muitas vezes fragilizada por crises econômicas, desigualdade e ausência de políticas públicas efetivas, sofre os impactos diretos dessas transformações culturais. Elias lembra que: “[...] a civilização é um processo que passa, necessariamente, pelo autocontrole e pela educação de emoções e impulsos [...]” (Elias, 1994, p. 126).

A literatura dogmática cristã também traz preciosas contribuições. O *Catecismo da Igreja Católica* - n. 2214-2221 (CNBB, 2000) ensina que a autoridade dos pais deve ser exercida com justiça e ternura, e que os filhos devem amor, respeito e gratidão aos pais durante toda a vida. O texto afirma que a família é a “igreja doméstica”, lugar privilegiado da educação na fé e na solidariedade. Como reforça João Paulo II (1994), na *Carta às Famílias*: A família é o primeiro e mais importante sujeito educativo, e deve ser assistida, nunca substituída:

“[...] É importante que as famílias procurem construir entre si vínculos de solidariedade. Isto, para além do mais, consente-lhes de se prestarem uns aos outros um serviço educativo: os pais são educados através de outros pais, os filhos através dos filhos. Cria-se assim uma peculiar tradição educadora, cuja força lhe vem do carácter de «igreja doméstica», que é próprio da família” (João Paulo II, 1994).

Autores como Libâneo (2012) reforçam que a formação ética e emocional dos sujeitos depende de uma interação harmoniosa entre escola, família e comunidade. A ausência dessa integração gera lacunas que facilitam o desequilíbrio emocional, o individualismo e, muitas

vezes, a violência.

Conforme Santos (2009), em seu estudo afirma que:

“Desde o início da vida, a criança, por meio da sua tripla inscrição simultânea, necessita do intercâmbio com o outro como realidade externa a fim de se constituir como sujeito e instituir-se no processo identificatório. [e que] A hiperindividualização familiar engessa os fazeres entre as pessoas e o mundo, fazeres esses que são o nascedouro de presenças de vínculos e da subjetividade. O vínculo demanda uma relação de pertença e, portanto, estabelece-se na presença do outro” (Santos, 2009, p. 97).

O papel das redes sociais e da cultura digital no fortalecimento ou enfraquecimento dos laços familiares é um aspecto inevitável. A pesquisadora Turkle (2012), ao estudar as relações digitais, mostra como a conexão virtual constante tem dificultado a escuta e o convívio familiar, promovendo solidão e falta de empatia, mesmo entre os que dividem o mesmo teto. Segundo ela: “[...] estamos sozinhos juntos - cada vez mais conectados, mas menos presentes na vida uns dos outros [...]” (p. 13).

3.1 Sociedade, Cultura e Vínculos Familiares

A família sempre foi atravessada por normas culturais, crenças religiosas, e padrões educacionais. Durkheim (2014) já alertava para a função moralizadora da família e da escola como instituições de regulação social. Hoje, autores como Castells (1999) argumentam que a *sociedade em rede* transformou os vínculos interpessoais e familiares, ampliando os espaços de convivência para o meio virtual (hiperconexão digital).

As características dessa hiperconexão digital se manifestam principalmente por meio de três vias interligadas: o uso excessivo de redes sociais, a dependência de aplicativos de comunicação instantânea e o acesso ininterrupto a informações por diversas plataformas digitais. Esses canais intensificam a presença virtual em detrimento das relações presenciais, gerando um estado contínuo de alerta e imediatismo. Como resultado, os vínculos interpessoais, especialmente os familiares, se tornam mais frágeis, uma vez que o tempo e a atenção são constantemente fragmentados por notificações, interações superficiais e a necessidade de estar permanentemente disponível online:

Sobre o ego, seu conceito, originado do latim *ego* (eu), tem sido objeto de reflexão em diversas tradições filosóficas, psicológicas e espirituais. Na psicologia analítica de Jung (1969/2012), o ego representa o centro da consciência, a parte do *self* que lida com a realidade

externa e interna. Já na psicanálise freudiana, o ego atua como mediador entre o id¹⁴ (impulsos instintivos) e o superego¹⁵ (moralidade internalizada), buscando o equilíbrio entre desejo e repressão. Na tradição espiritualista oriental, especialmente no *Vedanta*¹⁶ e no Budismo, o ego é frequentemente associado à ilusão (*Maya*) de separatividade entre o “eu” e o “outro”, sendo um obstáculo à iluminação e à realização do verdadeiro “Eu interior”.

Uma das obras mais relevantes de Sigmund Freud, “*Das Ich und das Es*” (“*O Ego e o Id*”), escrita em 1923, sobre o tema do ego e relação com o id e o superego (Freud, 2013). Sua afirmação pertinente sobre a estrutura psíquica e os conflitos entre o ego e as outras instâncias da mente: “[...] o ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo exterior, por meio da percepção, e que tem a tarefa de mediar entre os desejos do id, os imperativos do superego e as exigências da realidade [...]” (Freud, 1996, p. 30).

Este contexto demonstra como Freud via o ego como um agente de equilíbrio, frequentemente pressionado pelas exigências externas e internas, o que se conecta diretamente à ideia de que o ego, quando descompensado ou inflado, pode conduzir a conflitos internos, rupturas familiares, sentimento de culpa ou deslocamentos de identidade.

Essa concepção de ego dialoga com princípios dogmáticos que, em muitas religiões monoteístas como o cristianismo, o judaísmo e o islamismo, atribuem ao orgulho (uma das manifestações do ego) o status de pecado capital. A doutrina bíblica, por exemplo, associa o ego inflado à queda espiritual, como se vê na citação: “Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes”, em Tiago 4:6 (Bíblia, 1993). No campo do cristianismo prático, pensadores como Santo Agostinho e Lewis (2007) reiteram que o orgulho é a essência de todo pecado, livre-arbítrio e a ruptura espiritual do ser humano com Deus (Agostinho, 1990; 2004).

Além da dimensão espiritual, o ego é também moldado e tensionado pelos princípios culturais e sociais. Em sociedades modernas marcadas pelo individualismo, pelo consumo e pela valorização da performance, há uma tendência à exacerbação do ego. O sujeito é constantemente incentivado a afirmar sua identidade, status e sucesso, muitas vezes em detrimento do coletivo. Essa configuração cultural se manifesta em *slogans* como “seja você

¹⁴ Id - Segundo Freud, o “id” seria uma faceta instintiva e orgânica da vida humana, presente desde o nascimento em cada um de nós; é ele o responsável pelos impulsos mais básicos em nossas vidas, em especial os de agressividade e desejo sexual. O “id” é um dos três componentes do modelo estrutural da personalidade, juntamente com o ego e o superego (Freud, 2010).

¹⁵ Superego - é independente do ego, retira sua energia do id, e ainda tem o papel da consciência. Não é a consciência da primeira tópica que fica localizada no exterior do aparelho psíquico, mas sim uma consciência interiorizada com o sentido de julgamento, avaliação e auto-observação (Freud, 2010).

¹⁶ *Vedanta* - se baseia nas leis espirituais imutáveis que são comuns às tradições religiosas e espirituais ao redor do mundo, onde o “meta do conhecimento” se referiria a um estado de autorrealização ou de consciência cósmica.

mesmo”, “vença a qualquer custo” e “o mundo é dos fortes”, que reforçam a ideia de uma subjetividade autocentrada e competitiva. A filósofa Bauman (2001) descreve essa condição como "*modernidade líquida*", onde os laços são frágeis e o “eu” se torna uma mercadoria entre outras.

Do ponto de vista político e psicológico, o ego pode ser manipulado por sistemas de poder que moldam consciências, criando narrativas de pertencimento, medo ou identidade coletiva. O filósofo Foucault (1977) analisa como os dispositivos de poder moldam os corpos e as mentes através de normas, vigilância e disciplina. O ego, nesse sentido, não é apenas uma entidade interior, mas também um produto das relações de poder e das estruturas institucionais.

Em nossos dias atuais, as redes digitais e mídias sociais intensificam esse fenômeno ao promover o culto à imagem e à validação externa. Através de algoritmos que favorecem conteúdo de apelo emocional e polarizador, plataformas como *Instagram*, *TikTok* e *Facebook* incentivam a exposição constante do “eu”, criando uma ilusão de conexão, mas frequentemente reforçando a comparação, a ansiedade e a alienação. O psicólogo Turkle (2012), em "*Alone Together*" (tradução: Sozinhos juntos), argumenta que, embora estejamos mais conectados do que nunca, estamos também mais isolados emocionalmente. As redes promovem uma *curadoria do eu*¹⁷ que exige aprovação constante, alimentando o ego em vez de transcendê-lo.

É nesse cenário complexo que os princípios éticos, espirituais e comunitários assumem relevância vital. Romper com a tirania do ego, segundo autores como Tolle (2000), é um passo fundamental para a transformação pessoal e social. Isso envolve, muitas vezes, um retorno às práticas do silêncio, da escuta, do cuidado e da presença; consideradas como as virtudes universais reconhecidas por diversas tradições filosóficas e religiosas.

Portanto, ao integrar as dimensões dogmáticas, culturais, sociais, políticas e psicológicas, se compreende que o ego não é um inimigo a ser destruído, mas um aspecto do ser a ser compreendido, educado e sublimado. O desafio do mundo de hoje é equilibrar a autonomia do sujeito com a responsabilidade ética e espiritual diante de si, do outro e do mundo.

¹⁷ Curadoria do eu - é quando as ações, as escolhas e as disposições mencionadas representam uma forma consciente de curadoria do “eu”. Isso busca conferir significado à vida por meio de decisões que moldam a apresentação ao mundo e a interação com ele, ou seja, refere-se à seleção e organização consciente de aspectos da própria vida, identidade e imagem, especialmente no contexto digital e nas redes sociais. Envolve filtrar experiências, comportamentos e conteúdos para construir uma narrativa pessoal coerente, funcionando como uma edição da identidade em um mundo saturado de informações e imagens (Turkle, 2012).

3.2 Família, Educação e Tecnologias na Sociedade em Rede

As transformações sociotécnicas das últimas décadas modificaram profundamente a estrutura e o papel da família, bem como os processos educativos formais e informais. A ascensão da sociedade em rede, conforme delineada por Castells (1999), evidenciou um novo paradigma de comunicação, onde as relações interpessoais são mediadas pelas tecnologias digitais, criando fluxos contínuos de informação que desafiam as formas tradicionais de controle, autoridade e aprendizagem.

Nesse contexto, a família na atualidade, assume múltiplas configurações, e sua função educadora enfrenta o desafio de competir com a onipresença das telas, dos algoritmos e das redes sociais. Como observa *ibidem*: “[...] o novo sistema social e tecnológico transforma a lógica da organização social, do trabalho, da cultura e da educação e da família [...]” (Castells, 1999, p. 24).

Bauman (2001) chama a atenção para o enfraquecimento dos laços duradouros, substituídos por relações "líquidas", onde tudo é transitório, inclusive os vínculos familiares. A consequência disso é a dificuldade de se estabelecer uma educação pautada na presença, no diálogo e no exemplo, pilares que tradicionalmente sustentavam a formação ética e emocional dos filhos.

Por sua vez, Turkle (2012) destaca que a hiperconectividade promove uma espécie de “solidão compartilhada”, em que os membros de uma família convivem fisicamente, mas estão emocionalmente distantes, cada qual mergulhado em suas telas. “Estamos juntos, mas cada vez mais ausentes” (p. 13).

O filósofo sul-coreano Han (2015), argumenta que a cultura do desempenho, da exposição constante e da positividade nas redes mina a intimidade, o cuidado e o espaço de silêncio, elementos esses essenciais à formação moral e afetiva no seio familiar. Para o autor, a educação precisa resistir à lógica do capital emocional e da autoexploração digital¹⁸, priorizando o cultivo da atenção, da escuta e da empatia.

Na perspectiva da *Cibercultura*, Lévy (1999) reconhece o potencial das tecnologias para ampliar a inteligência coletiva, mas também ressalta que a mediação pedagógica da família e da escola é essencial para transformar informação em conhecimento significativo. Já

¹⁸ Autoexploração digital - o ser humano é descoberto e tornando objeto de (auto)exploração, que conduz ao colapso mental e à barbárie da vida pessoal e social. Hoje, as mídias digitais permitem que o nosso consciente seja invadido pelas narrativas mais absurdas, mas sempre favoráveis aos empresários do mercado. Segundo Byung-Chul Han, ocorre quando sujeitos da "sociedade do desempenho" voluntariamente exploram a si mesmos sob a ilusão de autorrealização e liberdade, transformando-se em mercadoria e dados. Nas redes sociais, a busca por otimização constante ("eu-projeto") leva à exaustão crônica, burnout e isolamento (Han, 2015, p. 45).

Moran (2007) reforça a necessidade de reorganizar os tempos, espaços e métodos educacionais, articulando a presença familiar com os ambientes digitais de forma crítica e construtiva.

Nesse cenário, emergem novos princípios e obrigações para a família em nossos dias:

- Presença intencional: mais do que tempo, exige qualidade relacional e afetiva;
- Educação digital crítica: ensinar a usar e refletir sobre as mídias;
- Mediação de valores: orientar o que é ético, responsável e empático nas interações virtuais e presenciais;
- Diálogo intergeracional: superar o abismo de linguagem e experiência entre pais e filhos digitais;
- Corresponsabilidade com a escola: atuar em rede com educadores, fortalecendo a formação integral dos filhos.

Como salienta Moran (2007): “A educação precisa ser um projeto conjunto entre escola, família e tecnologias, unindo presença, valores e inovação [...]”.

A dissolução das fronteiras entre o público e o privado, o lar e a rua, o real e o virtual exige da família uma *atuação ativa e adaptativa*, capaz de filtrar, dialogar e formar com amor e consciência. A educação, dentro e fora da escola, permanece, assim, um ato profundamente relacional, comunitário e humano, mesmo em meio às mais avançadas redes digitais.

Sobre a teoria das configurações vinculares, conforme Puget (2001 *apud* Henriques, 2007, p. 234-235), em seu estudo, trata da importância do outro na construção da identidade e das relações familiares, destacando então:

- Que a empatia não é apenas um gesto afetivo, mas uma via de resgate de si e do outro;
- Que o egoísmo rompe laços, mas o reconhecimento mútuo permite reconstruí-los;
- Que o espaço familiar é o primeiro e mais simbólico ambiente onde esse processo pode e deve acontecer.

A reflexão de Puget & Berenstein (1994) sobre a história pessoal como espelho da teia relacional contribui diretamente para compreender como o sujeito se constitui nas relações familiares e sociais. Em consonância com a proposta deste ensaio, os autores afirmam que a trajetória individual não pode ser dissociada do coletivo: a identidade de cada pessoa é moldada pelas interações e vínculos que estabelece ao longo da vida, especialmente no núcleo familiar. Através da estrutura identificatória, ou seja, da forma como o sujeito se reconhece e se constitui a partir do olhar do outro, é possível perceber as marcas deixadas por relações

afetivas, rupturas, silêncios e presenças significativas.

A abordagem defendida por Berenstein & Puget (1990), de que o individual contém o coletivo e vice-versa, reforça a ideia de que não há construção subjetiva isolada: o “eu” só se realiza plenamente no encontro com o outro, e é nesse entrelaçamento que surgem tanto as barreiras (o egoísmo, o narcisismo e o isolamento) quanto as possibilidades de superação, por meio da empatia, do diálogo e da convivência ética. Tal concepção respalda a questão norteadora deste projeto, pois evidencia que promover vínculos mais empáticos e éticos não é apenas uma escolha individual, mas uma necessidade relacional e social, que se inicia nos pequenos espaços da intimidade familiar e se estende à sociedade em rede.

Nesse contexto, o autor investigado propõe uma vida orientada por experiências reais e empíricas, longe do egocentrismo e mais próxima de ações com impacto coletivo, defendendo a responsabilidade pessoal como ponto de partida para a construção de vínculos significativos, tanto no núcleo familiar quanto na sociedade em geral. Para isso, princípios espirituais são convocados como orientadores éticos e existenciais.

A pioneira da pedagogia moderna, Montessori (2004), afirmava que a primeira tarefa da educação é “agitar a vida” e permitir seu livre desenvolvimento. Isso reforça o papel da família e da escola como espaços que cultivam a autonomia desde cedo, mesmo em um mundo digital e acelerado. Para *ibidem*, a educação deve acompanhar o desenvolvimento individual da criança, contribuindo para sua formação integral. Assim ela pensou a melhor forma de contribuir para o desenvolvimento da criança em várias dimensões.

Enquanto, Morin (2018) propõe que a educação na atualidade precisa promover a compreensão entre os seres humanos, como condição de solidariedade intelectual e moral. Em tempos de sociedade em rede, marcada pela fragmentação e pelo excesso de informações, a educação familiar assume papel estratégico na formação de vínculos e no senso de comunidade.

A educadora brasileira Zagury (2022), alerta para a necessidade de os pais serem presença, referência e limite para seus filhos. No cenário digital atual, em que dispositivos tentam substituir relações, a família deve manter sua autoridade afetiva, oferecendo acolhimento, direcionamento e construção de valores sólidos para a convivência social.

Em seu outro artigo, o autor deste ensaio “*Infâncias Conectadas*”, cita Freire (1996) que defende uma prática pedagógica voltada à: “[...] autonomia crítica, à mediação consciente e à formação ética, o ambiente digital é guiado por algoritmos que promovem o consumo, a distração contínua e a exposição a conteúdos prejudiciais, muitas vezes violentos [...]” (Freire,

1996 *apud* Brandão, 2025, p. 13).

Ainda, baseado nos estudos de Jenkins (2009), *ibidem* alerta sobre o uso da tecnologia (na infância) e na relevância do letramento midiático: “[...] como estratégia de enfrentamento a essa lógica de mercado [e que] tal preparo ainda é raro nas escolas e praticamente ausente nas famílias [...]” (Jenkins, 2009 *apud* Brandão, 2025, p. 13). *Ibidem* sustenta a urgência em:

“[...] desenvolver ações intersetoriais, articuladas entre os setores de saúde, educação, comunicação e justiça, que unam proteção legal, educação crítica, letramento midiático e apoio às famílias. É necessário transformar o acesso à tecnologia em uma prática segura, consciente e ética, sem renunciar ao cuidado humano e da escuta ativa, pilares do desenvolvimento pleno na infância [...]” (Brandão, 2025, p 15).

O amor na família é reforçado por Karnal & Coen (2018). Os autores afirmam que é indissociável do ato de educar, e que “educar é amar” e que isso se manifesta por meio do cuidado, dos limites e da presença ativa. Assim, a hierarquia familiar baseada no afeto e na responsabilidade permite que filhos compreendam a importância da reciprocidade nas relações.

Sobre educar é ensinar a enxergar o outro, reconhecendo suas subjetividades, a autora Ribeiro (2019) afirma que, a família, nesse sentido, é o primeiro espaço de formação para a empatia, diversidade e respeito. Ao ensinar crianças a reconhecer o valor do outro, os pais contribuem para uma sociedade mais justa e ética.

Hooks (2017) vê o lar como o primeiro espaço pedagógico, onde o amor deve ser a principal ferramenta educativa. Para ela, ensinar é um ato de amor, e é nesse afeto transformador que se constrói a base de uma educação crítica e libertadora. A presença afetiva dos pais é, portanto, essencial à formação ética e emocional dos filhos.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Este ensaio reflete a proposta de compreensão dos vínculos familiares ao longo do tempo, especialmente em uma sociedade marcada pela hiperconexão, fluidez dos papéis sociais e desafios éticos. Partindo da perspectiva de que o ego e o egoísmo, quando exacerbados, enfraquecem os laços afetivos, educacionais e espirituais, abrindo então um espaço para relações frágeis e carentes de empatia.

A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e interdisciplinar, dialogando com autores das áreas da filosofia, sociologia, educação, psicologia e espiritualidade. Foram analisados textos acadêmicos, obras clássicas e

contemporâneas, bem como estudos que discutem as transformações nos laços familiares, a ética relacional, o ego e a empatia como elementos constitutivos do sujeito e da convivência em rede.

A pesquisa bibliográfica foi realizada em plataformas como Google Acadêmico, Scopus, SciELO e Web of Science, Even3 entre outras. Os descritores utilizados para a busca foram: “Família contemporânea”, “vínculos afetivos”, “ego e empatia”, “relações éticas”, “espiritualidade e educação”, “sociedade em rede”, “autoconhecimento e convivência”, “ética do cuidado”, “transformações geracionais”, combinados entre si com operadores *booleanos* (AND, OR, NOT).

Os critérios de Inclusão foram:

- Publicações com enfoque ético, sociológico, educacional ou espiritual diretamente relacionados ao tema dos vínculos familiares e à crítica ao egoísmo moderno;
- Fontes publicadas nos últimos 40 anos (1984–2024), considerando a relevância histórica e os impactos em nossos dias atuais;
- Estudos que abordam o impacto das tecnologias digitais, redes sociais e pluralidade familiar;
- Textos que relacionem autoconhecimento, espiritualidade e ética com os desafios da convivência familiar.

E os critérios de Exclusão foram:

- Publicações sem revisão por pares ou com conteúdo opinativo desprovido de base teórica;
- Textos que abordam família exclusivamente sob viés jurídico ou biomédico, sem conexão com aspectos relacionais, éticos ou educacionais;
- Obras superficiais que tratem o ego ou espiritualidade apenas de maneira motivacional, sem aprofundamento crítico.

Algumas obras de referência estavam disponíveis apenas em outros idiomas, o que exigiu traduções próprias, com apoio de edições bilíngues e dicionários técnicos. Isso impôs um cuidado especial na interpretação de alguns conceitos fundamentais para a compreensão das abordagens filosóficas sobre ego, empatia e relações familiares.

Para a análise e estruturação dos dados foi organizada por meio das seguintes categorias temáticas:

- Da família patriarcal à fluidez digital: mudanças nos vínculos afetivos;

- Ego e empatia: impactos do individualismo nas relações sociais;
- Espiritualidade como ética para superar o egoísmo;
- Desafios da convivência familiar em uma sociedade conectada;
- Escola e família na formação de sujeitos éticos e empáticos.

Essas categorias permitiram sistematizar os dados e identificar como a espiritualidade crítica e a ética da empatia podem servir como antídotos ao ego inflado, promovendo vínculos mais saudáveis, afetivos e duradouros, especialmente no ambiente familiar.

As reflexões finais sobre o desenvolvimento: O estudo revelou que há um crescente movimento de retomada da espiritualidade como eixo de (re)construção das relações familiares, não no sentido dogmático, mas como ética do cuidado e da presença. A educação emocional e ética precisa caminhar ao lado da educação técnica e digital, a fim de humanizar as relações e promover um mundo mais cooperativo.

Contudo, se reconhece que há limitações na abrangência dos estudos consultados, especialmente no que tange a autores de fora do eixo eurocentrado¹⁹ e às experiências familiares em contextos de maior vulnerabilidade social.

5 DISCUSSÃO

A presente reflexão propõe uma análise integrada entre educação, espiritualidade, cultura, família e sociedade moderna, à luz de autores clássicos e contemporâneos. Em um mundo hiperconectado e complexo, os valores que sustentam os vínculos humanos precisam ser continuamente resgatados e ressignificados. Conforme Zagury (2022), a família, por exemplo, continua sendo a base da formação ética e afetiva dos sujeitos, ainda que seus papéis tenham se transformado frente às demandas da sociedade digital. O lar, para autores como Hooks (2017), deve ser o primeiro espaço de aprendizagem crítica e afetiva, onde ensinar é compreendido como um ato de amor e liberdade.

Autores como Morin (2018) e Freire (1996) defendem que a educação deve promover o desenvolvimento integral do ser humano, conectando razão, sensibilidade e ética, em diálogo com os desafios educacionais atuais. A família, em conjunto com a escola e a comunidade, tem papel central na formação para a empatia, o respeito e a responsabilidade,

¹⁹ Eurocentrado - é um termo utilizado para designar a centralidade e superioridade da visão europeia sobre as outras visões de mundo. O eurocentrismo corresponde a uma expressão que emite a ideia no mundo como um todo de que a Europa e seus elementos culturais são referência no contexto de composição de toda sociedade moderna.

enquanto a espiritualidade, entendida como a capacidade de olhar para si e para o outro com profundidade, se torna essencial para superar o egoísmo e fomentar uma convivência mais ética (Freud, 2010; Jung, 1969/2012).

As reflexões de Puget (2001 *apud* Henriques, 2007) e Berenstein & Puget (1990, 1994) revelam que a constituição do sujeito ocorre na relação com o outro, sendo a presença alheia essencial para resgatar vínculos e significados perdidos. O ego, por si só, não é suficiente, algo sempre o excede; e é no entrelaçamento com o outro, especialmente na família, que se formam identidades e laços autênticos. Relações marcadas pela escuta, empatia e reconhecimento mútuo fortalecem vínculos afetivos e éticos, superando o isolamento egoísta e promovendo transformação coletiva.

Na perspectiva educacional, Montessori (2004) nos lembra que a liberdade deve ser cultivada desde a infância, mas sempre acompanhada de responsabilidade. Já Karnal & Coen (2018) reforçam que educar é um ato de cuidado e limites, ou seja, exige presença, coerência e vínculo. Esse olhar também perpassa as relações familiares, onde pais e filhos possuem obrigações mútuas, tanto morais quanto afetivas. A máxima bíblica “Honra teu pai e tua mãe” (Êxodo 20:12) continua sendo um princípio ético que atravessa gerações, sendo reiterado por práticas educativas e espirituais que valorizam o respeito intergeracional (Bíblia, 2024).

A sociedade em rede, como explica Castells (2003), transformou as formas de interação humana, impondo novos desafios à constituição dos sujeitos. O excesso de estímulos e a lógica do consumo de informações afetam a forma como os jovens percebem o mundo, a si mesmos e os outros. Nesse cenário, família e escola devem unir esforços para oferecer sentido, estrutura e pertencimento, promovendo vínculos sólidos e aprendizados duradouros. Como conclui Ribeiro (2019), educar é, sobretudo, ensinar a enxergar o outro com empatia e consciência.

A análise da evolução histórica dos vínculos familiares reflete mudanças sociais, culturais e tecnológicas ao longo do tempo. Segundo Ariès (1981), as antigas famílias patriarcais eram hierárquicas e extensas, centradas na autoridade do pai. Essa estrutura mantinha a ordem, mas restringia a autonomia, sobretudo de mulheres e crianças.

Com o advento da modernidade e a influência da moral vitoriana no século XIX, o modelo familiar passou a se configurar mais como a família nuclear burguesa, com papéis sociais claramente definidos entre homens provedores e mulheres cuidadoras, conforme descrito por Morin (2018). Esse modelo enfatizava a estabilidade e a preservação de valores morais, ao mesmo tempo em que acompanhava o crescimento das cidades e a

industrialização. Durkheim (2014) reforça essa visão ao destacar a família como instituição moralizadora fundamental na socialização dos indivíduos, sendo também complementada pela escola.

A partir da segunda metade do século XX, se observa uma reconfiguração dos modelos familiares impulsionada pela entrada da mulher no mercado de trabalho, aumento dos divórcios e pela diversidade nos arranjos familiares. Hooks (2017) e Ribeiro (2019) apontam que movimentos feministas, antirracistas e de direitos civis foram decisivos para romper com normas autoritárias e promover maior pluralismo e diálogo afetivo.

Atualmente, como destaca Castells (1999), a “*Sociedade em Rede*” e as tecnologias digitais remodelam os vínculos familiares e identitários, promovendo formatos diversos, como famílias homoafetivas, monoparentais e pluriparentais, ao passo que exigem novos cuidados diante da hiperconectividade e da fragmentação entre o real e o virtual.

Cada geração reflete, a seu modo, as transformações nos vínculos familiares. Os Baby Boomers conservaram valores mais tradicionais (Durkheim, 2014; Ariès, 1981), enquanto a Geração X vivenciou maior pluralidade nos arranjos e a influência crescente da mídia (Ariès, 1981; Zagury, 2022). Já os Millennials e a Geração Z cresceram em meio à digitalização e à flexibilização das hierarquias familiares, priorizando afeto, autonomia e diálogo, mas enfrentando desafios como a hiperconectividade e a fragmentação dos vínculos (Castells, 1999; Zagury, 2022; Hooks, 2017; Morin, 2018). Essas transformações exigem o repensar das práticas educativas e sociais, reafirmando o afeto e a responsabilidade mútua como fundamentos essenciais para relações familiares saudáveis e significativas.

6 CONCLUSÃO

As reflexões deste ensaio permitiram afirmar que as questões centrais que orientam toda a reflexão proposta, foram plenamente respondidas. A análise integrada entre espiritualidade, cultura, família, educação e sociedade evidenciou que, embora os vínculos humanos estejam fragilizados pela lógica do egoísmo, do individualismo e da hiperconectividade, ainda é possível reconstruí-los a partir de valores como empatia, escuta, afeto e responsabilidade mútua.

A partir dos aportes teóricos de autores clássicos e contemporâneos, levou a compreensão de que a família continua sendo um núcleo fundamental de formação ética e afetiva, mesmo diante de seus múltiplos formatos e transformações históricas. A escola, por

sua vez, deve se aliar à família e à comunidade para promover uma educação integral, crítica e afetiva, onde o ensino seja, como propôs Hooks (2017), um ato de amor e liberdade.

A espiritualidade, compreendida não como doutrina, mas como uma atitude de profundidade no olhar para si e para o outro, se revela um caminho essencial para superar o egoísmo e promover uma convivência mais ética e consciente. Nesse sentido, a escuta, o reconhecimento do outro e o diálogo intergeracional se tornam práticas urgentes na formação de sujeitos íntegros e socialmente comprometidos.

Portanto, a (re)construção dos vínculos familiares, educacionais e sociais exige um movimento coletivo de resgate dos valores humanistas e éticos. A compreensão histórica e crítica dos modelos familiares, aliada à valorização da diversidade e da afetividade, aponta para a necessidade de práticas educativas e relacionais mais acolhedoras, sensíveis e transformadoras. A ética do cuidado, a empatia e o cultivo da presença se tornam, assim, fundamentos indispensáveis para uma sociedade mais justa, solidária e consciente.

Para pesquisas futuras, é fundamental analisar o impacto das tecnologias digitais na formação do ego das novas gerações e o papel das instituições educacionais e religiosas no fortalecimento dos vínculos familiares em uma sociedade fragmentada. A diversidade cultural e espiritual deve ser considerada, ampliando a compreensão das múltiplas formas de relação e transcendência. Esta reflexão reforça a busca pelo equilíbrio entre o “eu” e o “outro”, entre o individual e o coletivo, especialmente diante do aumento das chamadas doenças do século, como ansiedade, depressão e solidão. Ao apontar caminhos éticos e empáticos, se propõe uma convivência mais consciente e espiritualizada.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **A Cidade de Deus**. (M. do C. R. Jordão & O. P. Leme, Trans., 3ª ed., Vols. 1–2). Petrópolis: Vozes. (*Original work published ca.*), 1990, p.p. 413–426.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. (*Original work published ca.* 397). 14. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. [online]. Tradução de Dora Flaksman. 2ª ed., Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1973, 279 p. Disponível em: <<https://taylorillack.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/09/333887505-livro-aries-philippe-historia-social-da-crianca-e-da-familia-pdf.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2025.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. [online] [pdf]. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, 239 p. Disponível em: <https://www.academia.edu/96724521/Zygmunt_Bauman_Modernidade_Liquida>. Acesso em: 19 jul. 2025.

VYĀSA, K. D. **Bhagavad Gita**: Texto Clássico Indiano. Tradução de Carlos Eduardo Gonzales Barbosa. São Paulo: Editora Mantra, 2018, 272 p. ISBN:9788568871102.

BÍBLIA. **Sagrada Escritura**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993, 4199 p. ISBN:9788531100130.

BERENSTEIN, I; & PUGET, J. **Psicoanalisar Uma Família**. Idioma Espanhol. vol. 138, Buenos Aires: Paidós, 1990, 298 p. ISBN:9789501241389.

BERENSTEIN, I.; & PUGET, J. **Psicanálise do casal**. Porto Alegre: Artmed, 1994, 174 p. ISBN:9788573074185.

BÍBLIA. **Sagrada Escritura. Provérbios 22:6**. *Bíblia Online*, 2024, [n.p.]. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/pv/22/6>>. Acesso em: 16 jul. 2025.

BRANDÃO, I. C. **Infâncias Conectadas: Uma Análise Neurocientífica e Social Sobre os Riscos do Uso Precoce das Tecnologias Digitais**. Recife: Even3 Publicações, 2025, Jun. 30, 19 p. Disponível em: <<http://doi.org/10.29327/7592582>>. Acesso em: 23 jul. 2025.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**. [online] [pdf]. São Paulo: Paz e Terra, 1999, 700 p. Disponível em: <<https://globalizacaoeintegracaoeregionalufabc.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/10/castells-m-a-sociedade-em-rede.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2025.

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Catecismo da Igreja Católica**: Novíssima edição de acordo com o texto oficial em latim. ed. 19, São Paulo: Loyola, 2000, 944 p. ISBN: 9788515021529.

DURKHEIM, É. **Educação e Sociologia**. Tradução de Stephania Matousek. 5 ed., Petrópolis: Editora Vozes, 2014, 112 p. ISBN:9788532624635.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador 1: Uma História dos Costumes**. Vol. 1, 2. ed, Rio de Janeiro: Zahar, 1990, 264 p. ISBN:9788571101067.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. [pdf] Tradução de Raquel Ramalhete. 20 ed., Petrópolis: Vozes, 1977, 288 p. ISBN:8532605087. Disponível em: <<https://www.uel.br/projetos/foucaultianos/pages/arquivos/Obras/VIGIAR%20E%20PUNIR.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à Prática Educativa**. [pdf] São Paulo: Paz e Terra, 1996, 76 p. ISBN:8521902433. Disponível em: <<https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2025.

FREUD, S. **O Ego e o id e outros trabalhos (1923-1925)**. [pdf]. Vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1996, 170 p. Disponível em: <<https://nucleodepesquisas.com.br/wp-content/uploads/2024/07/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-19-1923-1925.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2025.

FREUD, S. **Das Ich und das Es: 18954**. Idioma Alemão. *Ditzingen, Germany: Reclam Philipp Jun.*, 2013, 104 p. ISBN:9783150189542.

HAN, Byung-Chul. **A Sociedade do Cansaço**. [online]. Petrópolis: Vozes, 2015, 136 p. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0101-3173.2019.v42n4.12.p223>>. Acesso em: 22 jul. 2025.

HENRIQUES, R. G. A Dona da História. **Revista Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade**. [pdf]. Porto Alegre, n.1, Jan/Fev/Mar 22007, p. 227-238. Disponível em: <<https://www.revistacontemporanea.org.br/revistacontemporaneaanterior/site/wp-content/artigos/artigo38.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2025.

HOOKS, B. **Ensinando a Transgredir: A educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017, 288 p. ISBN:9788546901401.

JOÃO PAULO II. **Carta do Papa João Paulo às Famílias**. *Gratissimam Sane*. [online]. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1994, [n.p.]. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1994/documents/hf_jp-ii_let_02021994_families.html>. Acesso em 15 jul. 2025.

JUNG, C. G. *Aion: Researches into the Phenomenology of the Self*. Idioma Inglês. *Bollingen Series XX*. Princeton University Press, 1969.

JUNG, C. G. *Aion: Estudos Sobre o Simbolismo do Si-mesmo*. Série Obras completas de Carl Gustav Jung, 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2012, 389 p.

KARNAL, L.; & COEN, M. *O Inferno Somos Nós: Do Ódio à Cultura de Paz*. 13a. reimpressão. São Paulo: Papirus 7 Mares, 2018, 112 p. ISBN:9788595550117.

LÉVY, P. *Cibercultura*. [pdf]. Tradução de Carlos Irineu da Costa. coleção TRANS São Paulo: Editora 34, 1999, 250 p. ISBN:8573261269. Disponível em: <<https://materiaeapoioaotcc.pbworks.com/f/11036046-Cibercultura-Pierre-Levy.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2025.

LEWIS, C. S. *Cristianismo puro e simples*. [pdf] Tradução de Gabriele Greggersen. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2007, 206 p. Disponível em: <<https://sites-files.us-east-1.linodeobjects.com/elivros.digital/2023/03/cristianismo-puro-e-simples-c-s-lewis-augusto-magalhaes.pdf>>. Acesso em 15 jul. 2025.

LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* [online]. Resenhas - Cad. Pesqui. 37 (131), 8. ed., São Paulo: Cortez, 2012, 200 p. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000200014>>. Acesso em: 10 jul. 2025.

MONTESSORI, M. *A Criança*. 2. ed., [s.l.]: Editora Círculo do livro, 2004, 256 p. ISBN: 9788570070937.

MORAN, J. M. *A Educação que Desejamos: Novos Desafios e Como Chegar Lá*. 2. ed., Campinas, SP: Papirus, 2007, 174 p.

MORIN, E. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2018, 104 p. ISBN:9788524917547.

RIBEIRO, D. *Pequeno Manual Antirracista*. [online] [pdf]. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, 52 p. ISBN:9788554515997. Disponível em: <https://cogetes.epsjv.fiocruz.br/storage/ANEXO_SOCIOLOGIA_2%C2%BAANO_PEQUENO_MANUAL_A_NTIRRACISTA_RIBEIRO_DJAMILA-v_5f0659881d9e4.pdf>. Acesso 16 jul. 2025.

SANTOS, L. R. da C. *Situações Familiares na Obesidade Exógena Infantil do Filho Único*. [online] [pdf]. Dissertação da Universidade Católica do Salvador de Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea. Salvador: UCSAL, 2009, 126 p. Disponível em: <<https://ri.ucsal.br/server/api/core/bitstreams/3c81d9e0-840d-4280-8854-63c1d7277d29/content>>. Acesso em: 22 jul. 2025.

TOLLE, E. *O Poder do Agora: Um Guia para a Iluminação Espiritual*. Tradução de Iva Sofia Gonçalves Lima. São Paulo: Sextante, 2000, 240 p. ISBN:8575420275.

TURKLE, S. *Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other*. Idioma Inglês. *New York: Basic Books*, 2012, 384 p. ISBN:9780465031467.

ZAGURY, T. *Limites Sem Trauma: Construindo Cidadãos para pais do Século XXI*. 100. ed. Comemorativa, Rio de Janeiro: *BestSeler*, 2022, 134 p. ISBN:9786557121399. Disponível em: <<https://pt.everand.com/book/576796909/Limites-sem-trauma>>. Acesso em: 10 jul. 2025.